

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

## MARIO SETTE ( 1886-1950 )

O transcurso no corrente ano ( 19 de abril ) do centenário do nascimento de **Mario Sette** propiciou a Ernani Silva Bruno publicar, logo no dia seguinte, no suplemento cultural de "O Estado de S. Paulo", excelente ensaio sobre o escritor pernambucano, no qual analisou com propriedade a obra de um dos autores "mais representativos do Nordeste do Brasil e da fase pré-modernista da literatura brasileira". O trabalho do ilustre acadêmico visou mais à apreciação do ficcionista. Todavia, lembrou, com justiça e pertinência, que a partir de 1940, Mario Sette "foi trocando a literatura de pura ficção pela reconstituição histórica de paisagens, costumes, episódios e figuras humanas de sua terra". É onde entra a sua contribuição à historiografia pernambucana ( mais propriamente recifense ) através de meia dúzia de livros que se incorporaram definitivamente à bibliografia histórica de seu Estado.

"Apaixonado pela paisagem geográfica e humana do Nordeste, principalmente de seu Pernambuco, e mais especificamente, de Recife, Olinda e Caruaru,— escreveu Ernani Silva Bruno no citado artigo de "O Estado de S. Paulo" —, Mário Sette soube descrever com muita sensibilidade, em seus livros de crônicas e evocações, as feições regionais das procissões e das novenas. Os pregões. Os lampiões de gás, os bondes de burro e os carros de bois. Os chafarizes e as casas de banho. Os jogos de prendas, as serenatas e as bandas de música. Os pastoris, os frevos e os maracatus".

Exemplo raro de "escritor de província", que resistiu à sedução das cortes literárias, dele escreveu Herman Lima: "...metido teimosamente, a existência toda, no seu Recife, que ele amava com um amor quase físico, de tão intenso e inalterável, em vão lhe acenaram com a possibilidade de uma transferência para o Rio... Pôde assim dedicar-se de corpo e alma a uma obra de expressão regional quase sem paralelo em nossa literatura, por isso que, exclusivamente, integralmente, da terra pernambucana, quando não, em especial, do Recife".

Isto não o impediu de se tornar conhecido dos meios intelectuais e do público leitor de várias partes do Brasil, em seu tempo, como pertinentemente observou Ernani Silva Bruno, pois desde logo contou com o apoio de Monteiro Lobato, que lhe editou vários livros e acolheu trabalhos seus na "Revista do Brasil" ( 1ª fase ), e com Álvaro Moreyra,

que fez o mesmo na revista ( saudosa tanto quanto a outra ) “Ilustração Brasileira”.

Sua vida, no início, foi bastante movimentada. Viveu algum tempo no Sul, em Santos e no Rio de Janeiro. Realizados os estudos de humanidades, tencionou seguir algum curso superior, mas acabou desistindo. Retornou ao Recife e pôs-se a trabalhar em diversas atividades, como funcionário de empresas, jornalista e professor em vários estabelecimentos de ensino médio e, depois, na Faculdade de Filosofia do Recife.

Seu retorno à capital pernambucana, no início do século, escreveu Leonardo Dantas da Silva no prefácio a um dos seus livros, representou um reencontro com a sua terra, depois de uma fase amarga da adolescência, e deste reencontro “ressurgiu todo um interesse pelas letras e pelas coisas de Pernambuco que resultou numa invejável bibliografia sobre temas pernambucanos”. E acrescentou: “Caso não houvesse o escritor vivido tal fase amarga de sua adolescência, Pernambuco haveria perdido esta valiosa série de estudos hoje tão importantes no conhecimento de nosso desenvolvimento histórico”.

Adquiriu excelente domínio da língua, o que lhe permitiu escrever com desenvoltura. Pôs-se a publicar crônicas e contos em jornais do Recife e do Rio de Janeiro e até na “Revista do Brasil” e na “Ilustração Brasileira”, como já se mencionou. Acabou revelando-se um dos mais operosos escritores pernambucanos, tendo seu primeiro livro publicado em 1916: **Ao clarão dos obuses**, curiosamente inspirado em cenas da Primeira Guerra Mundial. Sua produção abrange mais de dez livros de ficção ( contos e romances ), dos quais bem cuidou Ernani Silva Bruno no artigo a que se referiu, de início.

Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico e Histórico Pernambucano. Em sua cidade natal, faleceu a 25 de março de 1950. Seu nome encontra-se evocado em vias públicas de Recife e de Olinda e também em São Paulo ( Capital ).

“Escritor honrado, autor de livros honrados”, dele escreveu o severo Agripino Grieco. Apreciando **Senhora de Engenho**, o crítico fluminense chegou a dizer que, com esse romance, Mario Sette “lançou uma espécie de **Morgadinha dos Canaviais** em Pernambuco”.

Da literatura de ficção, como já se mencionou, passou às crônicas históricas, com aquelas características apontadas por Ernani Silva Bruno, muitas delas publicadas originalmente em jornais. Crônicas ligeiras, pitorescas, de leitura agradável, mas com grande poder de evocação, o que não as descompromissam com a veracidade histórica. Sua obra, nesta modalidade, representa algo na mesma linha dos escritos de Vieira Fazenda, para o Rio de Janeiro, ou de Afonso de Freitas, para São Paulo.

Face à natureza desta nota, é esta produção de interesse histórico que nos empenhamos em registrar. Começou com dois livros quase de natureza didática, dedicados à juventude: **Velhos Azulejos** (1924) e **Terra Pernambucana** (1925). A evocação e reconstituição do passado de sua cidade propiciaram-lhe pelo menos mais cinco livros: **Maxambombas e Maracatus** ( sem data; 2ª edição: 1938 ); **Anquinhas e Bernardas** (1940); **Barcas a vapor** (1943); **Por onde os avós passaram** (1945) e **Arruar** (1948). Deixou inéditas suas **Memórias Íntimas**, que só recentemente vieram a lume. Vários de seus livros fizeram jus a reedições e pelo menos quatro foram, há pouco, incluídos nas preciosas coleções de publicações oficiais promovidas pelo Estado de Pernambuco e pela municipalidade do Recife: a coleção “Recife”, onde se encontram **Maxambombas e Maracatus** ( em quarta edição ), **Terra Pernambucana** ( em 10ª edição ) e a edição póstuma de suas memórias; e a “Coleção Pernambucana”, onde se encontra a segunda edição de **Arruar**. De **Maxambombas e Maracatus** é o excerto que recolhemos para a **Seleta**, deste número. ONM